

**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 41, (Jan/Dez) de 2025
ISSN: 2178-7476



MEMÓRIAS DE UMA VIDA DOCENTE: HABITANDO AS HISTÓRIAS DA TRAVESSIA NUMA JORNADA DE ESPERANÇA

MEMORIES OF A TEACHING LIFE: INHABITING THE STORIES OF THE JOURNEY ON A JOURNEY OF HOPE

MEMORIAS DE UNA VIDA DOCENTE: HABITANDO LAS HISTORIAS DE LA TRAVESÍA EN UNA JORNADA DE ESPERANZA

Vanessa Suligo Araujo Lima

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu)
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, Mato Grosso, Brasil
Docente da Secretaria do Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4651-3752>
E-mail: vanessa.lima@unemat.br

Loriége Pessoa Bitencourt

Doutora em Educação pela UFRGS e Pós-Doutora em Estudos Culturais pela UFMS.
Universidade do Estado de Mato (UNEMAT), Cáceres, Mato Grosso, Brasil
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7643-2091>
E-mail: loriege.pessoa@unemat.br

Resumo: Este estudo nasce de um encontro vivido no cotidiano escolar, atravessado por afetos, memórias e reconhecimento do trabalho docente, que se transforma em experiência e investigação. Inscrito no campo da pesquisa narrativa, à luz de Clandinin e Connelly (2011), tem como horizonte compreender como uma professora de Língua Portuguesa da Educação Básica enfrentou os desafios da docência e as marcas dessa trajetória em sua identidade. A pesquisa compreende a docência como um percurso vivo, relacional e temporal, no qual narrar é habitar a experiência, escutar histórias e reconhecer a identidade docente como um processo contínuo de formação e construção de sentidos. As narrativas evidenciam que a identidade se constrói como um percurso em constante reconstrução, atravessado por valores, vínculos e compromissos, os quais traduzem a dedicação e amor à educação, inspirando reflexões sobre o afeto, o compromisso com a educação e os caminhos de transformação que sonhamos, em uma jornada de esperança.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa; Experiência; Identidade Docente; Educação Básica.

Abstract: This study emerges from an encounter experienced in the everyday life of a school, permeated by affection, memories, and recognition of teaching work, which becomes experience and investigation. Grounded in narrative inquiry, in dialogue with Clandinin and Connelly (2011), the study seeks to understand how a Portuguese Language teacher in Basic Education has faced the challenges of teaching and the marks this trajectory has left on her identity. The research understands teaching as a living, relational, and temporal journey, in which narrating means inhabiting experience, listening to stories, and recognizing teacher identity as a continuous process of formation and meaning-making. The narratives indicate that identity is constructed through ongoing reconstruction, crossed by values, bonds, and commitments that express dedication and love for education, inspiring reflections on affection, commitment to education, and the paths of transformation we envision, in a journey of hope.

Keywords: Narrative Research; Experience; Teacher Identity; Basic Education.

Resumem: Este estudio nasce de un encuentro vivido en el cotidiano escolar, atravesado por afectos, memorias y reconocimiento del trabajo docente, que se transforma en experiencia e investigación. Inscrito en el campo de la investigación narrativa, a la luz de Clandinin y Connelly (2011), tiene como horizonte comprender cómo una profesora de Lengua Portuguesa de la Educación Básica enfrentó los desafíos de la docencia y las marcas que esta trayectoria dejó en su identidad. La investigación comprende la docencia como un recorrido vivo, relacional y temporal, en el cual narrar significa habitar la experiencia, escuchar historias y reconocer la identidad docente como un proceso continuo de formación y construcción de sentidos. Las narrativas evidencian que la identidad se construye como un recorrido en constante reconstrucción, atravesado por valores, vínculos y compromisos que expresan la dedicación y el amor por la educación, inspirando reflexiones sobre el afecto, el compromiso con la educación y los caminos de transformación que soñamos, en una jornada de esperanza.

Palabras clave: Investigación Narrativa; Experiencia; Identidad Docente; Educación Básica.

Compreendendo a Travessia Docente: o ponto de partida...

“Trago dentro do meu coração, como num cofre que não se pode fechar de tão cheio. Todos os lugares onde estive. Todos os portos a que cheguei. Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias. Ou de tombadilhos, sonhando, e tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero”.

(Fernando Pessoa)

Sinto, como escreveu Fernando Pessoa, que trago dentro do meu coração “tantas coisas, como num cofre que não se pode fechar de tão cheio”. Talvez por isso, quase não consigo fechar este cofre, pois por ele atravessam portos e experiências entrecruzadas com encontros, afetos, desafios e aprendizagens que se teceram ao longo da travessia docente. Diante de tantas memórias e experiências entrelaçadas, torna-se difícil definir um ponto de partida. Talvez, então, seja preciso “começar pelo começo”¹. Mas qual o começo? São tantos começos possíveis.

O ponto de partida que escolho para iniciar este texto nasce de um encontro vivido, pela primeira autora, no ano² em que assumi o concurso na Educação Básica, em uma escola do interior do estado de Mato Grosso. Embora já conhecesse a instituição e alguns professores e profissionais da comunidade escolar, por atuar em outro turno, ainda havia pessoas, histórias e percursos docentes que me eram desconhecidos. Foi em um momento de celebração — a formatura dos estudantes do Ensino Médio — que uma cena me marcou significativamente, em meio a aplausos, vozes e emoções que atravessavam o espaço escolar e teciam experiências.

Naquela formatura, para iniciar a colação de grau, os professores foram convidados a percorrer o tapete vermelho, abrindo o caminho para a entrada dos estudantes. Os aplausos acompanhavam cada passo, marcando um gesto coletivo de reconhecimento do trabalho docente.

Em meio àquele movimento, a entrada de uma professora chamou minha atenção. Os

1 A expressão “começar pelo começo” inspira-se em reflexões do professor Alceu Zoia, dialogadas na disciplina Epistemologia da Pesquisa em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em torno dos modos de apresentar, refletir e discutir os projetos de pesquisa de doutorado. (*Diário de campo, julho de 2025 – arquivo pessoal*).

2 Era meados do ano 2020 e assumia o concurso na Educação Básica na Escola Estadual Alfredo José da Silva, localizada no município de Barra do Bugres – MT.

aplausos se prolongaram, as vozes tornaram-se mais intensas, e uma vibração forte se fez sentir, tomando conta do espaço escolar naquele instante.

Naquele momento, eu me perguntava: *quem é essa professora?* Que trajetórias a haviam conduzido até ali? Que experiências, escolhas e modos de estar na docência se faziam reconhecer naquele gesto coletivo? O que se constrói, ao longo do tempo, para que uma presença docente mobilize tamanha resposta entre os estudantes e a comunidade escolar?

Eu ainda não conhecia sua história, nem os caminhos que havia percorrido, mas intuía tratar-se de uma presença docente singular. Era a presença da professora Gorethe³.

Na continuidade daquele encontro, sua voz ocupou o espaço da formatura ao proferir o discurso da cerimônia. Suas palavras, ditas com simplicidade, firmeza e profundidade, carregavam uma boniteza e uma alegria que evocavam o sentido freireano de educar: uma fala comprometida com os estudantes e com os profissionais da educação, com a esperança e com a dignidade do ato educativo. Não era um discurso protocolar, mas uma palavra viva, que acolhia, reconhecia os afetos, as alegrias e os desafios superados que atravessam a vida escolar, convocando à continuidade dos sonhos.

Aquela cena permaneceu guardada em minha memória como uma imagem significativa, não apenas pela emoção que despertava, mas pelas perguntas que inaugurava em mim, como uma experiência daquelas que nos atravessam, nos acontecem e permanecem em nós (Larrosa, 2002). Com o passar do tempo, começamos a trabalhar juntas e, no convívio cotidiano com a professora Gorethe, essas perguntas passaram a encontrar sentido. Foi nesse estar junto, no compartilhar do cotidiano escolar, que se tornou possível compreender a profundidade do reconhecimento e carinho que ela mobilizava.

Nesse percurso, a experiência pediu passagem para a escrita, e o gesto de colocar essa vivência no papel encontrou seu tempo e seu lugar na disciplina Pesquisa Narrativa em Linguística Aplicada, cursada no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Sinop – MT. Nesse exercício narrativo, que exigia escolher histórias, escutar experiências e refletir sobre percursos formativos, a travessia da docente de Gorethe se apresentou como uma história que pedia - e merecia - ser narrada, especialmente por estar próxima do encerramento de sua carreira docente. Esse momento mobilizava inquietações em mim e, ao mesmo tempo, o desejo de registrar sua travessia docente, de modo que ela permanecesse inscrita na história da escola⁴ e na própria pesquisa. Assim, o desejo de compreender mais profundamente sua travessia docente ganhou morada na escrita e delineou o próprio movimento desta pesquisa.

Enquanto escrevo este texto, a escola viveu, na noite anterior, em 12 de dezembro de 2025,

3 Professora Gorethe (Maria Gorethe Ferreira Mendes). A decisão de registrar seu nome neste artigo atende ao seu desejo expresso de ser identificada pelo nome pelo qual gosta de ser chamada e configura-se como uma forma de homenagear sua trajetória docente ao longo de 34 anos na Escola Alfredo, instituição que ela carinhosamente chama de “Família Alfredo”.

4 Escola Alfredo José da Silva, atualmente uma Escola de Tempo Integral Vacionada ao Esporte, localizada em Barra do Bugres – MT. Espaço escolar onde a Professora Gorethe atua há 34 anos de docência.

por uma coincidência quase simbólica, mais uma formatura de estudantes de Ensino Médio. O tempo pareceu alinhar-se, fazendo com que a cena narrada anteriormente, vivida há cinco anos, se reinscrevesse no presente. Mais uma vez, os professores foram aplaudidos; e, novamente, quando o nome da professora Gorethe foi anunciado, a resposta da comunidade escolar ganhou outra intensidade. Foi como se eu estivesse vivendo um *déjà-vu*⁵, não no sentido de uma ilusão perceptiva, mas como o retorno de uma experiência já vivida, agora carregada de memória. Nesse retorno da cena, atravessada pelo tempo, tornou-se ainda mais visível aquilo que já se anunciava antes: o reconhecimento construído em sua travessia docente segue se fazendo presente.

É a partir desse encontro — primeiro vivido, depois revisitado e continuamente ressignificado — que este texto se constrói, buscando compreender a travessia docente da professora e os sentidos que constituem sua identidade docente na Educação Básica. É nesse movimento que se abre o horizonte deste estudo narrativo, no qual se inscreve a inquietação que acompanha esta escrita: *Como uma professora de Língua Portuguesa, atuante na Educação Básica, narra os desafios da docência e as marcas que essa trajetória deixou em sua identidade pessoal e profissional?* Com um olhar e ouvidos atentos às experiências vividas, este estudo se propõe a compreender como uma professora de Língua Portuguesa da Educação Básica enfrentou os desafios da docência e quais marcas essa trajetória deixou em sua identidade pessoal e profissional.

Para narrar essa travessia — que é também um modo de fazer pesquisa — este estudo se inscreve no campo da pesquisa narrativa. Essa escolha nasce do entendimento da investigação como um caminhar junto às experiências vividas e narradas, acompanhando histórias em movimento, sem a pretensão de fixá-las ou encerrá-las em explicações únicas. Em diálogo com Clandinin e Connelly (2011), inspirados na perspectiva deweyana da experiência, a pesquisa narrativa compreende que o vivido se constitui na continuidade do tempo, nas relações e nos contextos em que a vida se desenrola, sendo narrado, recontado e ressignificado. Assim, investigar narrativamente não significa buscar origens ou verdades estáveis, mas habitar as histórias, escutá-las com atenção e compreender os sentidos que se tecem no viver das experiências, que, neste estudo, se expressam na travessia docente. É nessa aproximação sensível da experiência que este trabalho encontra seu modo de produzir conhecimento e de compreender a docência como percurso vivo, marcado por aprendizagens, desafios e esperanças que constituem a identidade profissional e pessoal da professora.

Um mergulho na aventura narrativa: habitar a pesquisa como experiência vivida

Se a travessia docente da professora Gorethe se constitui como o fio condutor deste estudo, é preciso reconhecer que esse percurso narrativo também se entrelaça à minha própria travessia

⁵ *Déjà-vu* é um termo de origem francesa que significa “já visto” e, em seu uso mais recorrente, refere-se à sensação de familiaridade diante de uma situação nova, compreendida na literatura como uma ilusão da percepção (Rodrigues, 2022). Neste texto, entretanto, o termo é mobilizado de modo metafórico, para indicar o retorno de uma cena efetivamente vivida no passado — o reconhecimento público da professora Gorethe — que se reinscreve no presente, produzindo ressonância temporal e reconhecimento.

como pesquisadora. Compreender a docência por meio das narrativas exigiu, antes de tudo, aprender a habitar a pesquisa narrativa como modo de investigar e de escrever com a vida. Nesse sentido, a escrita que segue não se configura como digressão autobiográfica⁶, mas como parte constitutiva do próprio método, pois é no movimento formativo da pesquisadora que também se delineiam os caminhos desta investigação. É a partir dessa compreensão — de que a pesquisadora é parte da experiência que investiga — que se insere esse percurso à luz das reflexões:

O contar sobre nós mesmos, o encontro de nós mesmos no passado por meio da pesquisa deixa claro que, como pesquisadores, nós, também, somos parte da atividade. Nós colaboramos para construir o mundo em que nos encontramos. Não somos meros pesquisadores objetivos, pessoas na estrada principal que estudam um mundo reduzido em qualidade do que nosso temperamento moral o conceberia, pessoas que estudam um mundo que nós não ajudamos a criar. Pelo contrário, somos cúmplices do mundo que estudamos. Para estar nesse mundo, precisamos nos refazer, assim como oferecer à pesquisa compreensões que podem levar a um mundo melhor (Clandinin; Connelly, 2011, p. 97)

A partir dessa compreensão, deixo que a experiência vivida conduza a narrativa que começa a se desenhar. O que se apresenta nesse estudo nasce das experiências vivenciadas na disciplina de Pesquisa Narrativa, já citada, e se organiza como uma escrita em processo, marcada por perguntas, atravessamentos e sentidos que foram emergindo ao longo do percurso formativo. Trata-se de um registro narrativo que não busca fechar significados, mas acompanhar o vivido, permitindo que as experiências falem por si e encontrem lugar na escrita.

É nesse movimento — de viver a pesquisa como experiência — que se insere o início do percurso no doutorado. Ao ingressar nessa etapa da formação, eu já sabia que precisava compreender mais profundamente o método da pesquisa narrativa. Sentia que esse caminho, que parte das histórias e das experiências vividas, poderia me ensinar muito sobre o modo de pesquisar com a vida, e não apenas sobre ela. Eu queria entender não apenas a teoria, mas o modo de viver a pesquisa como narrativa — sentir na própria experiência, o que significa pesquisar a partir da vida, das relações e das experiências que nos atravessam.

Nesse movimento de busca, deparei-me com estudos que indagavam como se tornar um pesquisador narrativo, como se houvesse um caminho previamente definido a ser alcançado. Desde o início, compreendi que não existia um percurso fixo, pois estamos sempre em processo de tornarmos. Ainda assim, a pergunta permanecia: por onde começar? Foi nesse movimento de busca que cheguei à disciplina de Pesquisa Narrativa, ofertada pela UNEMAT, em Sinop - MT⁷.

6 Ao utilizar a expressão “digressão autobiográfica”, refiro-me ao entendimento comum de desvio do fio central de um texto. Neste estudo, contudo, não compreendo a presença da narrativa da pesquisadora como digressão, pois, na pesquisa narrativa, as histórias da pesquisadora e da participante se constituem de forma entrelaçada. Assim, narrar o percurso formativo da pesquisadora não representa um afastamento do objeto de investigação, mas explicita o modo como a pesquisa se constrói na relação, na experiência e no tempo vivido, sendo parte constitutiva do próprio método.

7 Além da disciplina de Pesquisa Narrativa cursada no contexto deste artigo, também cursei a disciplina “Pesquisas Narrativas”, ofertada no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE/UFRJ), experiência que também enriqueceram o processo de tornar-me uma pesquisadora narrativa, compreendido como um movimento contínuo de ir me tornando.

Para esse movimento inicial, que costumo chamar de “aventura narrativa⁸”, compreendo estar percorrendo um caminho que, até então, não havia trilhado dessa forma. Embora as narrativas sempre tenham atravessado a minha vida — desde um tempo que nem sei precisar —, tratava-se agora de habitar a narrativa como método de pesquisa, assumindo-a conscientemente como modo de investigar.

As experiências vividas nas disciplinas configuraram-se como um mergulho, no qual aprendizagens, diálogos e práticas de escuta foram se entrelaçando ao longo do percurso. A cada encontro, fui percebendo que narrar é mais do que contar histórias: é também compreender-se no próprio percurso e atribuir sentidos ao vivido. A disciplina provocou-me a olhar para a minha própria história como professora e pesquisadora, assim como para as histórias daqueles que caminham comigo. Aprendi que, nas narrativas, habitam não apenas as vozes dos outros, mas também as nossas próprias vozes e as experiências que nos atravessam, entrelaçadas no espaço metafórico tridimensional da pesquisa.

Foi nesse mergulho na aventura narrativa que pude perceber como cada partilha, cada gesto vivido na disciplina e aquilo que fui construindo a partir dela foram tecendo sentidos no movimento contínuo da experiência de ir me tornando uma pesquisadora narrativa, em um *continuum* experiencial, inspirado em Dewey, no qual cada experiência se inscreve na seguinte, compondo um processo formativo em permanente devir.

Nesse percurso, fui percebendo que a pesquisa narrativa amplia o modo como nos aproximamos das experiências e das histórias vividas.

Essa experiência de habitar a pesquisa narrativa como modo de investigar e de escutar não se restringiu ao espaço da disciplina, mas se prolongou nos contextos em que a vida acontecia. A disciplina ocorreu, também, em um lugar afetivo: a cidade onde mora minha família. Estar ali aproximou-me ainda mais das minhas origens, das pessoas e das memórias que me constituem. Nesse entrelaçamento entre pesquisa e vida, a pesquisa narrativa passou a atravessar o meu cotidiano — nos gestos, nos encontros e nas conversas — reconhecidos como narrativas que vão tecendo, de forma inseparável, a identidade profissional e pessoal, pois a pessoa que sou e a professora que me torno se constroem no mesmo percurso, uma vez que “o professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor” (Nóvoa, 1995, p. 15).

Assumir a pesquisa narrativa como perspectiva investigativa implicou reconhecer-me como parte visível do processo, compreendendo que investigar narrativamente exige implicação, escuta e abertura à própria vulnerabilidade. Nesse modo de pesquisar, o pesquisador não se coloca fora da experiência, mas se inscreve nela, tornando-se também atravessado pelas histórias que investiga.

8 Aventura, neste estudo, nomeia o percurso formativo vivido na pesquisa narrativa, entendido como experiência aberta ao inesperado e às transformações que se revelam no processo.

Como pesquisadores narrativos, trabalhamos no espaço não só com nossos participantes, mas também conosco mesmos. Trabalhar nesse espaço significa que nos tornamos visíveis com nossas próprias histórias vividas e contadas. Às vezes, isso significa que nossas histórias sem nome e talvez secretas, vêm à luz assim como aquelas de nossos participantes. Esse confrontar de nós próprios em nosso passado narrativo torna-nos vulneráveis como pesquisadores, pois transforma histórias secretas em histórias públicas. Na pesquisa narrativa, é impossível (se não impossível, então obrigatoriamente decepcionante) como pesquisador ficar silencioso ou apresentar um self perfeito, idealizado, investigativo, moralizante (Clandinin; Connelly, 2011, p. 98).

É a partir desse entendimento que a investigação aqui desenvolvida se constrói. A história da professora não é tomada como objeto externo de análise, mas como experiência vivida e narrada em relação, imersa no fluxo do tempo, nas interações e nos espaços em que a docência se inscreve. Nesse percurso, sua travessia docente dialoga com a minha própria travessia como pesquisadora, reafirmando a pesquisa narrativa como um modo de investigar que se faz no encontro entre histórias, sujeitos e tempos.

O trabalho que nasce desse encontro configura-se como uma homenagem que permanecerá viva nas páginas e na memória, endereçada àqueles que já trilharam esse caminho e àqueles que ainda o trilharão, deixando uma mensagem de esperança que siga ressoando.

É a partir dessa experiência de habitar a pesquisa narrativa — vivida como travessia, escuta e implicação — que se torna possível compreender a docência como experiência situada, relacional e temporal. Ao reconhecer-me como parte da investigação e ao assumir que as histórias narradas se constroem no encontro entre pesquisadora e participante, o olhar analítico passa a se orientar por uma compreensão ampliada da experiência, que não se reduz a eventos isolados, mas se desdobra no tempo, nas relações e nos lugares em que a docência acontece.

É nesse horizonte que a investigação se orienta à luz do espaço metafórico tridimensional da pesquisa narrativa, proposto por Clandinin e Connelly (2011), que compreende a experiência em sua temporalidade (passado, presente e futuro), na socialidade (dimensões pessoais e relacionais) e no lugar (os contextos em que se articulam práticas, vínculos e experiências educativas). Tal perspectiva permite compreender a experiência docente como algo que se constrói e se reconstrói ao longo do tempo, atravessando relações e contextos que participam ativamente da constituição da identidade profissional.

Nesse percurso interpretativo, organizaram-se duas dimensões que se entrelaçam: os sentidos da docência, que revelam os significados atribuídos à trajetória profissional e aos desafios vividos ao longo do caminho, e as marcas da docência, que evidenciam aprendizagens, vínculos e transformações que atravessaram a identidade pessoal e profissional da professora.

No desdobramento dessas dimensões, a metodologia mobilizada reafirma a potência da pesquisa narrativa para dar visibilidade às histórias docentes e criar espaços de escuta e reconhecimento da voz dos professores e professoras em seu cotidiano educativo. Ao acolher

os sentidos construídos por aqueles que vivem o chão da escola, a pesquisa narrativa possibilita compreender como tais experiências contribuem para a constituição da identidade docente e para iluminar os processos de desenvolvimento profissional, entendidos como experiências em contínuo movimento de formação.

É nesse mergulho na aventura narrativa que a investigação se realiza, permitindo que as experiências vividas encontrem lugar na escrita e que a docência seja compreendida como travessia, experiência e formação em permanente construção.

É nesse percurso que a pesquisa narrativa se configura não apenas como uma escolha metodológica, mas como um processo formativo. Ao longo desse caminho, compreendemos que tornar-se pesquisadora narrativa não é um ponto de chegada, mas um movimento contínuo, tecido na implicação com as histórias, na escuta atenta e na abertura às experiências que nos atravessam. Nesse campo de compreensão, a pesquisa narrativa se consolida como caminho de investigação, pois, na experiência de ir nos tornando pesquisadoras narrativas, compreendemos — como defendem Clandinin e Connelly (2011) — que ela se constitui como uma forma privilegiada de compreender a experiência. Assim, nessa trama narrativa, tecida pelo fio da escuta, a entrevista narrativa⁹ constituiu a via de acesso às experiências, abrindo espaço para que memórias e reflexões sobre a docência viessem à tona na voz de uma professora da Educação Básica.

Identidade Docente: um processo em construção a partir da experiência

A compreender a pesquisa narrativa como um processo formativo vivido na experiência, torna-se possível ampliar o olhar para a identidade docente que se constitui nessas travessias. Se, até aqui, o foco esteve no modo de investigar e nas experiências que nos constituíram como pesquisadoras narrativas, neste momento o texto se desloca para pensar a identidade docente como um processo em construção, tecido nas experiências vividas, nas relações estabelecidas e nos sentidos atribuídos à docência.

É a partir da experiência vivida e narrada que se inscreve a compreensão da identidade docente. As memórias que os professores carregam, as marcas deixadas pela docência e os sentidos atribuídos ao vivido compõem o tecido identitário em constante movimento e reconstrução. A docência, nesse horizonte, não pode ser reduzida a um conjunto de técnicas ou funções, mas precisa ser compreendida como uma travessia, permeada por experiências que se entrelaçam e se atualizam ao longo do tempo.

É nesse movimento de atravessamentos e reencontros com o vivido que se inscreve a noção de experiência. Para Clandinin e Connelly (2011), inspirados em Dewey, a experiência é pessoal e social, sempre situada em diálogo com outros indivíduos e contextos, e se desdobra continuamente a

⁹ Entrevista narrativa realizada com a Professora Gorethe, em 09 de outubro de 2025, na Escola Estadual Alfredo José da Silva. Atualmente, uma Escola de tempo integral vocacionada ao Esporte, localizada no município de Barra do Bugres – MT.

partir de vivências anteriores, abrindo caminhos para novas aprendizagens. Essa perspectiva ilumina a docência como prática vivida, em que ensinar e aprender se entrelaçam, tecendo sentidos nos encontros cotidianos no contexto escolar.

Seguindo aos fios da experiência, Larrosa (2002) nos convida a pensá-la como aquilo que nos acontece e nos transforma, aquilo que nos toca e nos provoca a refletir sobre quem somos e o que fazemos. Assim, compreender a docência a partir da experiência é reconhecer que cada encontro, cada desafio e cada gesto pedagógico produzem marcas formativas, revelando o professor como sujeito reflexivo, que se transforma nas experiências vividas e nas relações que as constituem — tecendo, nesse processo, os sentidos que conferem significados à sua identidade docente.

Nessa travessia de sentidos, a contribuição de Marcelo Garcia (2009) ilumina a compreensão da identidade docente como processo evolutivo, relacional e intersubjetivo concebido como “uma interação entre a pessoa e suas experiências individuais e profissionais” (p. 109). Para o autor, a identidade “não é algo que se possua, mas algo que se desenvolve durante a vida [...] acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, uma interpretação de si mesmo dentro de um determinado contexto” (Marcelo Garcia, 2009, p. 112). Essa concepção reforça que a identidade docente não é fixa, mas se constrói no diálogo com os contextos de atuação e nas interpretações que cada professor e professora elabora sobre si ao longo da trajetória. Nesta direção, compreender a constituição da identidade docente implica considerar também a história de vida do sujeito, construída ao longo da vida e da formação. (Araujo Lima, 2017).

Em consonância com essa perspectiva, Nóvoa (1992) ressalta que a identidade docente resulta da articulação entre dimensões institucionais, pessoais e profissionais, marcando-se por movimentos de mudança e reinvenção ao longo da carreira, nos quais vida pessoal e vida profissional se entrecruzam continuamente. Essa perspectiva evidencia que não é possível dissociar o professor da pessoa que o constitui, pois ambas as dimensões se entrelaçam e se completam na construção da identidade docente.

Ao longo dessa trajetória, a identidade docente revela-se como uma travessia em permanente construção, atravessada por múltiplas experiências e por diferentes dimensões — pessoais, profissionais e institucionais — que se articulam, se tensionam e se ressignificam ao longo do percurso. Essa perspectiva ajuda a compreender por que a docência se apresenta como um processo contínuo de construção e reconstrução, no qual sentidos são tecidos e memórias deixam marcas que permanecem na vida dos professores e professoras.

Nesse contexto, compreender a identidade docente implica reconhecer as forças que mobilizam o professor a permanecer na profissão, a reinventar-se e a atribuir sentido ao seu trabalho. É a partir dessa compreensão que a contribuição de Christopher Day (2004) permite reconhecer a paixão pelo ensino como uma dimensão constitutiva da vida profissional do docente. Para o autor,

Os professores com paixão pelo ensino são aqueles que se comprometem e que demonstram entusiasmo e uma energia intelectual e emocional no seu trabalho. [...] Para esses professores, ensinar é uma profissão criativa e desafiadora. A paixão não é uma escolha, mas sim um elemento essencial para um ensino de qualidade” (Day, 2004, p. 23).

Compreendida dessa forma, a paixão pelo ensino integra o tecido da identidade docente, atravessando escolhas, permanências e modos de estar na profissão. Essa compreensão, abre caminho para a seção seguinte, na qual a narrativa da professora Gorethe permitirá reconhecer, na experiência vivida e narrada, como sentidos, marcas e paixões se entrelaçam ao longo de sua travessia na docência na Educação Básica.

Compondo o Mosaico: habitar pelas histórias da travessia docente

“Iniciar uma narrativa é como montar um mosaico, é unir fragmento por fragmento, com contornos irregulares, cores marcantes, espessuras diferentes, é buscar o elo para compor a história [...]” (Marins; Cevallos; Rocha, 2019, p. 121).

Como pesquisadoras narrativas, não chegamos ao campo a partir de um ponto zero. Levamos conosco nossas histórias, assim como as participantes vivem suas trajetórias muito antes do nosso encontro e continuam a vivê-las depois dele. As histórias não começam quando chegamos, nem se encerram quando partimos. Do mesmo modo, os espaços em que elas se desenrolam — a escola, a sala de aula, a comunidade — já estão atravessados por múltiplas narrativas quando o pesquisador adentra o campo (Clandinin; Connelly, 2011).

É nesse entendimento que se inscreve o encontro que dá início à narrativa da professora Gorethe.

Era uma quinta-feira à tarde quando nos encontramos na sala dos professores da escola. O horário foi previamente combinado, respeitando a disponibilidade da professora e o momento posterior ao término das aulas, buscando um tempo mais tranquilo para a conversa. Embora eu estivesse em licença para qualificação no doutorado¹⁰, minha presença naquele espaço ainda mobilizava os estudantes e colegas que ali circulavam. Mesmo após o horário letivo, ex-alunos e professores permaneciam na escola, aproximavam-se para conversar, compartilhar lembranças e trocar palavras.

Nesse movimento, percebi que, mesmo não estando fisicamente presente no cotidiano escolar naquele período, minha identidade docente seguia viva naquele espaço, assim como a da professora Gorethe, marcada pelos vínculos construídos ao longo da trajetória. A escola, mais uma vez, revelava-se como lugar de encontros, memórias e permanências.

É a partir desse contexto — atravessado por histórias, afetos e tempos entrelaçados — que

¹⁰ Em meados do maio de 2025, foi concedida a licença qualificação para o Doutorado.

a narrativa da professora Gorethe começa a se desenhar. Ao convidá-la a contar sobre sua trajetória na Escola Estadual Alfredo José da Silva, deixei que suas memórias indicassem o ponto de partida, respeitando o modo singular como cada história se anuncia.

Ao revisitar suas lembranças, sua fala revela à docência como espaço de aprendizagens mútuas e de contínua construção de sentidos, no qual cada gesto, experiência e relação estabelecida no cotidiano da profissão passa a compor uma trajetória de descobertas compartilhadas. É nesse movimento que a professora retorna aos primeiros tempos de sua formação e de sua entrada na sala de aula, reconhecendo ali os sentidos que a levaram a permanecer na docência.

Eu estou na docência há 34 anos, comecei o curso de Letras na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Cáceres, no ano de 1987 e me formei em letras em 1991 [...] O curso de Letras não era a minha opção, eu queria fazer jornalismo, mas na minha cidade não tinha jornalismo, tinha que morar fora, e meus pais não deixaram eu ir, então eu tive que me adequar. Mas, durante o curso eu fui gostando de estar ali, de aprender, porque até então eu achava legal, mas não gostava de sentar para estudar. Ao finalizar o curso me mudei para Barra do Bugres e, fui convidada para dar aula na Escola Alfredo, naquela época, faltava professores de língua portuguesa e o Diretor, na época o professor Júlio César Geraldo, me convidou para dar aula, dizendo que eu poderia fazer um bom trabalho. E, foi essa confiança que ele me deu, essa chance que me incentivaram. Naquele momento eu me perguntava, nossa como vai ser? Eu nunca entrei em uma sala de aula, eu tinha a teoria, mas não tinha a prática, é claro que a gente fez estágio, mas não é a mesma. Enfim eu vim e ele me apresentou para todo o corpo docente da escola, gestão e eu comecei. 'Eu me lembro muito bem', na turma de ensino médio que existiam pessoas que eram 'mais velhas' que eu e às vezes eu estava na sala e eles me chamavam de 'senhora', tipo assim, eu falava, mas eu sou senhora, sendo que o meu tratamento era diferente. Assim eu gostei da 'experiência' de estar em sala de aula porque é uma troca. Você estar em sala de aula é uma troca você ensina, mas você aprende muito mais do que você ensina, você aprende com as 'experiências' do seu aluno você aprende com as ideias deles, você aprende com a vivência que eles têm que é diferente da vivência sua, então assim, os alunos têm muito mais a nos ensinar, do que nós ensinamos a eles. Porque a gente tem a vivência acadêmica e eles têm a vivência de vida mesmo, a vivência prática, e eu gostei tanto dessa 'experiência' que eu continuei. Tanto que antes eu pensei, eu vou ficar só esse ano, depois do outro ano eu vou dar um jeito. Mas, eu gostei e estou na educação há 34 anos (Entrevista com a professora Gorethe, 09 de outubro de 2025).

Com escuta atenta a essa narrativa, percebo o movimento que a professora realiza pelas diferentes dimensões da pesquisa narrativa, especialmente quando enfatiza "eu me lembro bem". Ao narrar sua história, ela transita entre tempos, contextos e lugares, fazendo com que experiências passadas se atualizem no presente da narrativa. Nesse movimento, sua trajetória ressoa em mim, reconduzindo-me ao meu próprio início na docência¹¹ e evidenciando o caráter relacional e experiencial desse modo de investigar, no qual as histórias se constroem no encontro entre sujeitos.

É nesse entrelaçamento de histórias, memórias e experiências que a docência se revela como espaço de encontros e trocas, em que ensinar e aprender caminham juntos. Cada momento vivido no exercício docente transforma-se em oportunidade de construir sentidos, tecer saberes e

11 Sua travessia docente me leva a mergulhar em minha própria trajetória docente, uma vez que, meu primeiro curso de graduação, também não era minha opção, mas também não tinha como me mudar para outra cidade, então escolhi dentre as opções que eu tinha. Mas, aos poucos, ao longo da graduação, no exercício da prática docente e nas experiências formativas vivenciadas, foram me constituindo, tornando-me uma professora, fui me encontrando pelo caminho na travessia da docência.

fortalecer a identidade docente, revelando a prática educativa como uma travessia compartilhada.

Esse entendimento aproxima-se de Clandinin e Connelly (2011), para quem a experiência é central para compreensão da vida no campo da Educação. Inspirados por Dewey, os autores afirmam que a experiência docente é simultaneamente pessoal e social: cada professor se constitui na interação constante com estudantes, colegas e comunidade, inserido em contextos específicos. Aprender e ensinar, nesse sentido, não ocorrem isoladamente, mas na vivência compartilhada.

É nesse processo de viver, refletir e atribuir sentido ao vivido que a experiência acontece. Como defende (Bitencourt, 2017, p. 82) “durante o bordado das vidas profissionais, isto é, durante o percurso profissional, vai-se atribuindo sentido ao vivido, transformando as circunstâncias vividas, através de reflexões, em experiências”. Larrosa (2002, p. 24) compreende a experiência como aquilo que nos atravessa e nos transforma, deixando marcas, afetos e vestígios que constituem o sujeito. Assim, a experiência confere sentido aos territórios de passagem e influencia a constituição da identidade docente (Araujo Lima, 2017, p. 48).

Ao longo de seus 34 anos de atuação, a professora relembra momentos que desafiaram sua prática docente — desde a precariedade de recursos e da distância entre teoria e prática nos anos 1990, até a imposição contemporânea de materiais estruturados e políticas de ranqueamento que, segundo ela, desconsideram a realidade dos estudantes e do contexto escolar. Essas experiências foram sendo ressignificadas em um movimento contínuo de adaptação e recriação do fazer docente, dialogando com Nóvoa (1995), para quem a identidade docente se constrói no embate entre projetos pessoais e políticas educacionais, reinventando-se nas práticas cotidianas.

Mesmo diante das adversidades, a professora destaca que o sentido que prevalece em sua caminhada é “o da esperança na potência transformadora da educação e dos estudantes” (*Entrevista Professora Gorethe, 09 de outubro de 2025*). As reflexões de Marcelo García (2009) ajudam a compreender essa postura ao evidenciar que a identidade e o desenvolvimento profissional docente se constroem a partir de valores, crenças, compromissos e experiências que articulam dimensões pessoais e profissionais. Essa compreensão se expressa quando a professora afirma: “às vezes o que falta é uma mãozinha, alguém que diga: vai, você consegue” (*Entrevista Professora Gorethe, 09 de outubro de 2025*). O gesto de encorajamento expressa o compromisso humano que inspira sua trajetória e reafirma a confiança na educação como espaço de transformação e esperança.

Na tessitura de sua narrativa, a escola é compreendida como território de encontros e pertencimento, onde o aprender e o conviver se misturam em gestos de afeto e construção coletiva. À docência revela-se, assim, como caminho que se refaz a cada encontro, numa travessia contínua de (re)descobertas, (re)aprendizagens e (re)invenções de si. É nesse movimento de partilha e reconstrução que a identidade docente se configura — sempre inacabada, entrelaçada às experiências e às relações que dão sentido ao ser professora.

Entre as marcas positivas da docência, sobressaem a alegria de acompanhar as conquistas

dos estudantes, o sentimento de pertencimento à escola - descrita como uma família — e a confiança no valor transformador da educação. Essa compreensão dialoga com Nóvoa (1992), ao evidenciar que a identidade docente se constrói na articulação entre vida pessoal e profissional. Como afirma a professora: *“é gratificante ver meus estudantes crescendo, conquistando o que sonharam, e sentir que de algum modo pude tocar e inspirar suas conquistas”* (Entrevista Professora Gorethe, 09 de outubro de 2025).

As memórias também carregam lembranças de desafios e de perdas, como os *“estudantes que se perderam pelo caminho”* (Entrevista Professora Gorethe, 09 de outubro de 2025) — experiências que a levaram a repensar o próprio papel docente e a enfrentando a frustração. Ainda assim, prevalecem as marcas do afeto, da partilha e da dedicação, reafirmando a docência como espaço de transformação mútua entre quem ensina e quem aprende.

No entanto, o que prevalece em sua lembrança são as marcas do afeto, da partilha e das relações tecidas na convivência diária, e a confiança de que sempre se dedicou com carinho, oferecendo o melhor de si para que cada estudante pudesse trilhar seu caminho, ao mesmo tempo em que contribuía para fortalecer a comunidade escolar como espaço de cuidado, aprendizado e esperança. São essas experiências que dão sentido à docência, transformando-a em um espaço que transforma tanto quem ensina quanto quem aprende.

À luz dessas memórias, compreende-se que as marcas da docência não se limitam à recordação, mas constituem experiências formativas que transformam a professora. Em sintonia com Larrosa (2002), são experiências que ‘nos acontecem’ e deixam marcas de sentido, pois ao nos tocarem, nos movem e nos ensinam. Assim, o que permanece em sua memória são marcas de sua trajetória — expressões de um percurso em que o vivido se entrelaça ao aprendizado e ao sentido do ensinar e partilhar. O vivido se converte em saber, e o saber, em sentido, compondo o tecido de sua identidade docente.

Esse movimento de continuidade e de construção de sentidos aproxima-se da compreensão de Nóvoa (1992), para quem a identidade docente se consolida na trama das experiências e nos vínculos que o professor tece ao longo da vida, articulando dimensões pessoais e profissionais em constante processo de (re)construção. Dessa forma, a docência se manifesta como um percurso vivo, que se refaz a cada passo e se entrelaça às experiências e vínculos cultivados no cotidiano escolar.

A professora também reconhece os desafios que atravessam a profissão, como o excesso de cursos de formação e as pressões decorrentes das avaliações externas. Entretanto, diante dessas tensões, sua prática se reinventa constantemente, encontrando novas formas de agir, refletir e construir experiências educativas. Essas tensões dialogam com a leitura de Marcelo García (2009), que compreende a identidade docente como um processo dinâmico, atravessado por dimensões pessoais, profissionais e institucionais, que se entrelaçam e se redefinem nas experiências vividas. É justamente nesse entrelaçamento de dimensões e sentidos que a narrativa se torna um espaço de elaboração e

compreensão do vivido, permitindo que a professora ressignifique suas experiências e encontre nelas novas possibilidades de ser docente, reinventar sua prática e aprofundar continuamente o aprender.

Nessa travessia de sentidos e aprendizagens, inspirada em Clandinin e Connelly (2011), compreende-se que narrar é um modo de interpretar a experiência vivida; ao contar histórias, as pessoas ressignificam o passado, compreendem o presente e abrem-se às possibilidades de futuro. Na narrativa da professora, esse futuro se desenha como um horizonte de esperança na educação, que se renova no transbordando emoção no *“desejo de que os professores continuem acreditando na força transformadora da educação e no potencial de seus estudantes porque é por meio da educação que a gente transforma vidas, e nossos estudantes têm potencial, eles só precisam que a agente acredite neles e os encorajem a sonhar”* (Entrevista Professora Gorethe, 2025). As marcas e aprendizagens que emergem de sua história revelam as tessituras da docência, em que a identidade se constrói como processo contínuo de (re)significação, entrelaçando vida, experiência e a vivência do encontro de ensinar e aprender que dá sentido à trajetória profissional. Nesse movimento de reflexão sobre seu percurso, a professora produz não apenas sua própria vida, mas também a sua profissão, construindo, a cada experiência, o significado de ser docente

Quase nos despedindo desse encontro narrativo, quando dialogamos com a Professora, sobre como se sente de estar próxima de se aposentar definitivamente de sua carreira docente, tendo em vista que ela já se aposentou por direito, mas decidiu retornar a trabalho. Então, convido-a a deixar uma mensagem para os professores mais jovens:

Então eu me aposentei no final de 2020, e em casa, eu fiquei pensando: o que eu vou fazer? Afinal já foram 30 anos na educação, toda minha vida toda foi educação. Então eu volto a educação é por amor, porque é o que eu falei para vocês, a gente está na educação é por amor, porque a gente ainda acredita que o mundo pode ser mudado pode ser reconstruído através da educação. E foi pensando nisso que eu voltei. Eu falei olha eu acho que Deus me deu uma missão e eu preciso dar continuidade, eu ainda consigo. E pedir forças para Deus, se for eu continuar da mesma forma com saúde eu vou continuar, eu vou ajudar mais um pouquinho na educação porque é o que eu gosto de fazer, é o que eu amo. Assim, eu voltei em 2021 e não parei mais. Já são 4 anos e eu vejo é que a educação ainda tem muitos frutos para dar apesar da gente ver tantas coisas indo contra a educação, tantas coisas querendo desmerecer e diminuir a educação, eu ainda vejo que ela não vai salvar a humanidade. E é acreditando nisso que eu estou aqui, porque eu acredito fielmente que a educação ainda, mesmo nesses dias atuais, mesmo nessa conjuntura, nessa realidade, que a gente está vivendo que ela ainda dá frutos que ela ainda consegue mudar mover todo esse emaranhado de desafios. Então eu diria para quem está começando para meus colegas que já estão aí e já tem tipo alguma uma década descaminhada, acreditem, acreditem que vocês são capazes de mudar o mundo, vocês são capazes de mudar uma vida, vocês são capazes de mudar pessoas. Então a caminhada é uma árdua, é, a gente enfrenta muitas pedras no caminho, enfrenta, a gente tropeça nos degraus da estrada, tropeça, mas o que a gente tem que fazer como todo brasileiro você sabe né, é levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima, porque nós somos capazes de mudar o mundo (Entrevista Professora Gorethe, 09 de outubro de 2025).

Suas palavras refletem as reflexões de Day (2004) acerca da paixão pelo ensino:

Os professores apaixonados pelo ensino têm consciência do desafio que enfrentam nos amplos contextos sociais em que ensinam, têm um sentido de identidade claro e acreditam

que podem fazer a diferença na aprendizagem e no aproveitamento escolar de todos os alunos, interessam-se profundamente por eles e gostam deles. [...] Para esses professores, ensinar é uma profissão criativa e desafiadora. A paixão não é uma escolha, mas sim um elemento essencial para um ensino de qualidade. (Day, 2004, p. 23)

Esse entendimento é refletido da identidade da professora, que é profundamente marcada em sua narrativa. Ouvindo suas palavras, com uma escuta atenta ao que essa vivência me leva a me mover em minha própria trajetória docente de apenas um pouco mais de doze anos de docência, me faz refletir, será estarei com toda essa esperança? Espero que sim.

Para a despedida, não como um ponto final, mas para a abertura de novas experiências que possam nos atravessar de sua narrativa, convidamos a refletir sobre o que significa para a professora ser parte da Escola Alfredo, o que ela sente em seu coração. E, entre um suspiro profundo, e uma pausa carregada de emoção e de lágrimas, ela desabafa:

A Família Alfredo é minha família...Toda vez que eu falo da escola meu coração fica, sabe ele fica (emoção/lágrimas)... porque eu gosto daqui, eu amo aqui. [...] às vezes a gente não está tendo um engajamento tão legal aí para fora em relação à escola a esses ranqueamentos da vida, mas eu vejo que aqui na escola, aqui como colegas como parceiros de trabalho, eu vejo que aqui a gente consegue fluir, a gente consegue se entender, a gente tem uma família aqui sabe. E família é isso cada um é diferente do outro mas quando você junta todo mundo se completa e eu vejo a Família Alfredo assim, cada um se completando cada um com seu jeito, com seu tipo com seu conhecimento, mas quando junta todo mundo o quadro está completo, não falta mais nada porque a gente tem ainda essa empatia de olhar no olho do outro colega, de conversar com o outro, de dar um abraço, de sorrir e às vezes é isso que o colega precisa naquele dia sabe, e eu vejo assim a nossa rotina diária aqui todos os dias quando a gente chega a gente faz a nossa oração e eu acredito que a oração que a fé ela fortalece muito esse relacionamento sabe....Então assim a Escola Alfredo pra mim é a minha família porque eu estive nessa escola antes de constituir a minha própria família que são minhas filhas, também sabe então eu vejo que tudo que eu vivi aqui foi bom eu contribuí e eu acredito que a Escola Alfredo vai ser para o resto da vida minha escola do coração (Entrevista Professora Gorethe, 09 de outubro de 2025).

Não sei precisar o quanto esse encontro narrativo ressoou em mim, nem o quanto habitar a experiência dessa travessia docente nos moveu nas dimensões da pesquisa narrativa — na temporalidade, ao transitar entre memórias do passado e sentidos do presente; na socialidade, ao entrelaçar a história da professora com a minha própria trajetória; e no lugar, ao reconhecer a escola como espaço vivo de experiências compartilhadas, mobilizando também os movimentos introspectivos e extrospectivos, ao olhar para dentro de nós e para os contextos que nos atravessam, bem como os movimentos retrospectivos e prospectivos, ao revisitar o vivido e atribuir sentidos às experiências que se desdobram no percurso.

Essa experiência me atravessou profundamente, convocando-me a compreender o que se mobiliza no processo de ir nos tornando pesquisadoras narrativas: aprender a ouvir com atenção, a acolher o vivido do outro e a reconhecer aquilo que também se move em nós nesse encontro. Trata-se de um exercício de escuta e implicação, no qual a experiência narrada não apenas é compreendida, mas também nos transforma. Esse entendimento ecoa as reflexões registradas no diário reflexivo

da disciplina cursada, a “pesquisa narrativa transforma a gente não apenas como profissionais e pesquisadores, mas, sobretudo, como pessoas”.

Assim, este encontro narrativo não se encerra como ponto final, mas permanece como experiência que segue ressoando. Escutar a professora Gorethe, habitar a sua história e a minha, foi também deixar-me afetar pelo que sua história mobiliza em mim — nas lembranças e nos sentidos que atravessam a minha própria travessia docente. A pesquisa narrativa, nesse movimento, não se apresenta como algo que se explica ou se encerra, mas como um modo de estar com o outro, de escutar com atenção e de reconhecer-se implicada na história que se conta. É nesse permanecer — entre escuta, afeto e experiência — que está escrita se mantém aberta, permitindo que a narrativa continue a viver para além destas páginas.

Docência como Travessia: sentidos, marcas e aprendizagens em devir

A docência, compreendida como travessia, revela-se na trajetória da professora como um percurso contínuo de desafios, aprendizagens e experiências que se entrelaçam, constituindo, de forma indissociável, sua identidade pessoal e profissional. Cada gesto, escolha e encontro vivido no cotidiano escolar configuram-se como oportunidade de atribuir significado à prática educativa e de afirmar valores, afetos e compromissos que atravessam sua história, tecendo sentidos e marcas que constituem o ser docente.

Ao narrar sua trajetória docente, torna-se possível compreender como a professora enfrentou os desafios da docência, construindo um modo de ser professora fortalecido pela crença na educação, na potência transformadora dos estudantes e na força das partilhas estabelecidas no contexto escolar. Mesmo diante das adversidades estruturais, das demandas institucionais e das complexidades do cotidiano educacional, sua travessia foi orientada pela esperança e pelo cuidado em cultivar vínculos de afeto, confiança e pertencimento. Cada gesto de encorajamento e cada interação com estudantes e colegas tornaram-se oportunidades de aprendizado mútuo, fortalecendo os sentidos que orientam sua prática e reafirmam o significado de ser professora.

Nas marcas inscritas ao longo dessa travessia, a narrativa deixa ver os fios formativos que tecem sua identidade docente. Entre aqueles que fortalecem sua trajetória, destacam-se, a alegria de acompanhar trajetórias estudantis transformadas, o profundo sentimento de pertencimento à escola — vivida como uma verdadeira família — e a convicção de que investir na educação é investir na vida das pessoas, compreensão que a sustentou e a fortaleceu ao longo de sua caminhada. Entre os fios desafiadores, inscrevem-se as frustrações diante de estudantes que se perderam pelo caminho e as limitações impostas pelas políticas educacionais, muitas vezes distantes da realidade concreta do contexto escolar, que acrescentam complexidade ao exercício da docência.

É nesse entrelaçamento de experiências, desafios e aprendizagens que se constitui a travessia

da identidade docente, construída na articulação entre vivências, relações e significados. Valores, afetos e aprendizados se cruzam, compondo o tecido vivo de sua trajetória profissional. Para a professora, a docência ultrapassa o ensino de conteúdos: ser professora é acreditar, impulsionar, apoiar e inspirar seus estudantes e a comunidade educativa como um todo. A docência configura-se, assim, como um espaço permanente de construção e reconstrução, no qual sentidos e marcas se entrelaçam e reafirmam, a cada gesto e vínculo, uma identidade sempre em devir.

A experiência narrada evidencia que sua travessia docente é sustentada pela esperança, pela dedicação e pelo amor à educação, demonstrando que, mesmo em contextos marcados por desafios, os sentidos e marcas construídos no exercício da docência configuram a identidade docente como um processo contínuo de reconstrução. Nesse percurso, desafios, experiências e aprendizagens delineiam o modo de ser professora e imprimem marcas profundas em sua identidade profissional e pessoal.

Nesta história, a docência se revela como um caminho vivido com afeto, cuidado e compromisso, no qual cada gesto de incentivo e cada vínculo estabelecido expressam o amor pela educação e o privilégio de ser professora, reafirmando que ensinar é, sobretudo, “*um ato de amor e de compromisso com a vida*” (Entrevista Professora Gorethe, 2025). Habitar as histórias e memórias de uma vida docente é reconhecer a docência como um processo em devir, construído no tempo vivido, nas experiências compartilhadas e nas narrativas que permanecem. Ao semear memórias e sentidos para aqueles que seguem sua trajetória, sua travessia docente inspira reflexões sobre o afeto, o compromisso com a educação e os caminhos de transformação que sonhamos, em uma jornada de esperança.

Referências

BITENCOURT, Lóriége Pessoa. *Aprendizagem da Docência do Professor Formador de Educadores Matemáticos*. Curitiba: CRV, 2017.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DAY, Christopher. A paixão pelo ensino. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Tradução: Assunção Flores/Elodi Martins. Porto: Porto Editora, 2004. 272 p.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona, Espanha: Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. *Revista Brasileira de Educação*. nº. 19, jan/abr., 2002, p. 20-28 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26421823_Notas_sobre_a_experiencia_e_o_saber_de_experiencia . Acesso em: 14 dez. 2025

ARAUJO LIMA, Vanessa Suligo. Tecendo a constituição identitária do professor de matemática narrado nos memoriais. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) — Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Barra do Bugres, Barra do Bugres-MT, 2017. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/VANESSA_SULIGO_ARA%C3%9AJOLIMA.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2025.

MARCELO GARCIA, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. *Revista Formação Docente. Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-

131, ago. /dez. 2009. Disponível em: <<https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/8>>. Acesso em: 14 dez. 2025.

MARCELO GARCIA, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, Lisboa, n. 8, p. 7–22, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/28320314_Desenvolvimento_Profissional_Docente_passado_e_futuro>. Acesso em: 14 dez. 2025.

MARINS, Rosana Maria; CEVALLOS, Ivete; ROCHA, Simone Albuquerque da. Narrativas de licenciando em matemática: elos possíveis de serem revisitados para constituição da identidade docente. *Revista da Faculdade de Educação, Educação (Universidade do Estado de Mato Grosso)*, v. 23, ano 13, n. 1, p. 115–129, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/1091>> . Acesso em: 14 dez. 2025.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle>. Acesso em: 14 dez. 2025.

NÓVOA, António. Vida de professores. Lisboa: Porto Editora, 1995.

RODRIGUES, Fabiano de Abreu. *O que é o déjà vu?* Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 3227-3233, janeiro 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/download/42639/pdf/106726> . Acesso em: 14 dez. 2025.

Enviado em 01 de dezembro de 2025
Aprovado em 17 de dezembro de 2025
Publicado em 18 de dezembro 2025